

O CRESCIMENTO DOS HOMICÍDIOS DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES NO BRASIL: 1980 A 2003

Helder Ferreira*

1 Introdução

As mortes causadas por homicídios dolosos¹ têm crescido no Brasil nas últimas décadas. Nesse período o homicídio se tornou um dos principais problemas sociais do país. Os óbitos por homicídio, segundo dados do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (Datasus),² alcançaram o total de 51.472 em 2003,³ mais de 5% do total de óbitos no ano. Há uma correlação entre os homicídios e a juventude, isto é, esse crescimento da proporção de homicídios no total de óbitos se deve em grande parte ao aumento dos homicídios de adolescentes e jovens. Segundo a mesma classificação do Ministério da Saúde, os homicídios são a maior causa de morte na faixa de 15 a 24 anos (38,6% dos casos em 2002). A gravidade da situação brasileira é comprovada a partir de uma comparação internacional com outros 66 países (WAISELFISZ, 2004). Nesse ranking, com dados anuais variando de 1999 a 2001, o Brasil se encontra na quinta posição, com uma taxa de homicídios de jovens (15 a 24 anos) de 52,2 por 100 mil, em 2000. Atrás apenas de Colômbia, Ilhas Virgens (EUA), El Salvador e Venezuela.

O objetivo desse texto é trazer alguns dados importantes para informar a discussão do crescimento dos homicídios de crianças (0 a 11 anos) e adolescentes (12 a 17 anos)⁴ no Brasil, de modo a favorecer a implementação de políticas públicas relativas ao problema. As dimensões tratadas são as seguintes: vítimas de homicídio por faixa etária, por sexo e por cor/raça. Os dados das vítimas de homicídio são provenientes do Sistema de Informações de Mortalidade do Datasus/MS; os de população são do Censo Demográfico 2000 e de projeção populacional produzida pelo IBGE. Como o objetivo é tratar dos homicídios de 0 a 17 anos, os dados sobre outras faixas etárias informadas no artigo serão tratados de forma mais objetiva em parágrafos específicos, servindo apenas como balizamento para a análise das trajetórias de 0 a 17 anos em foco. Assim, os dados sobre jovens (18 a 24 anos) serão importantes como sinalizadores

* Técnico de Planejamento e Pesquisa do Ipea. Agradeço a colaboração das Técnicas de Planejamento e Pesquisa Luciana M. Servo, Lusení M. C. de Aquino, Enid R. A. Silva e Luana S. Pinheiro, assim como do consultor André L. Souza.

1. Os homicídios incluem as seguintes categorias de causa: agressões, intervenção legal e operações de guerra, segundo a lista de tabulação da Classificação Internacional de Doenças – 10ª Revisão (CID-BR-10), elaborada pela Secretaria de Vigilância em Saúde.

2. Departamento de Informação e Informática do SUS – Datasus, órgão da Secretaria Executiva do Ministério da Saúde com a responsabilidade de coletar, processar e disseminar informações sobre saúde.

3. Datasus/SIM, 2003, dados preliminares.

4. Conforme definido no art. 2º do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Além destas expressões, neste artigo foram entendidas como “adultos jovens” as pessoas que estão na faixa de 18 a 24 anos, e “adultos”, aqueles com 25 anos completos ou mais.

de tendência de crescimento do fenômeno, enquanto os das demais faixas etárias ficam como referência geral.

Dois indicadores serão utilizados: taxa de vítimas de homicídios por 100 mil habitantes e porcentagem de óbitos de homicídio por óbitos gerais. A escolha desses indicadores merece ser discutida. Em primeiro lugar, o número total de óbitos não será utilizado devido ao fato de sofrer a influência das alterações demográficas da população, isto é, se a população brasileira, segundo a projeção de população do IBGE, era de 118.562.549 pessoas em 1980 e alcançou 178.985.306, é razoável supor que o fenômeno dos homicídios, pelo menos, acompanhasse de perto este aumento de 66,2%. Em segundo lugar, tratando mais propriamente da qualidade dos dados do Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM), nota-se que há limitações que são inclusive reconhecidas pelo próprio Datasus: os mais graves são a subnotificação de óbitos e problemas na classificação das causas de morte no atestado de óbito. Há uma tendência geral de melhoria nas estatísticas de mortalidade do SIM. Tem havido uma provável redução da subnotificação de óbitos: a razão entre óbitos informados ao SIM e estimados pelo IBGE para o Brasil em 1998 foi de 81,8%, bem superior aos 71,4% de 1991.⁵ A qualidade da informação sobre as causas de morte também tem melhorado: os óbitos registrados no SIM como causas mal definidas foram de 21,5% em 1980 e 7,3% em 2002; entre os óbitos por causas externas, as lesões de intenção indeterminada registraram 19,3% em 1980 e apenas 9,9% em 2002.⁶ Devido à questão da fidedignidade dos dados, um documento do SIM⁷ desaconselha a utilização de coeficientes que utilize população como denominador (como o indicador taxa de mortalidade por 100 mil habitantes), sugerindo, alternativamente, o emprego de indicadores de mortalidade proporcional – como, por exemplo, a razão de óbitos por homicídios por óbitos totais, ou de óbitos de homicídio pelo total de óbitos de causas externas. No entanto, como mesmo a mortalidade proporcional apresenta problemas para se fazer uma análise temporal, pois o indicador dos homicídios pode variar dependendo das alterações sofridas nos óbitos pelas demais causas, optou-se por utilizar os dois indicadores e só registrar as tendências que possam ser confirmadas por ambos.

2 Homicídios por faixa etária

Conforme a tabela 1 adiante (ver dados estatísticos ao final desse ensaio), ao se utilizar o indicador “taxa de vítimas de homicídios por 100 mil habitantes” nota-se que houve crescimento do fenômeno nesses anos. A taxa de vítimas saiu de um patamar de 11,7 homicídios por 100 mil habitantes em 1980 para 29,1 em 2003. Utilizando-se outro indicador, se em 1980 os homicídios representavam 1,9% do total de óbitos registrados pelo SIM, em 2003 eles alcançaram 5,1%.

Considerado todo o período, houve crescimento dos homicídios de crianças e adolescentes segundo os dois indicadores. Os homicídios de crianças passaram de 0,5 vítimas por 100 mil habitantes em 1980 para 0,8 em 2003 (aumento de 57%), e de 0,1 % dos óbitos gerais nesta faixa etária em 1980 para 0,5% (aumento de 428%).

5. Acerca disso, ver RIPSAs. Indicadores básicos de saúde no Brasil: conceitos e aplicações. Brasília: Opas, 2002.

6. Reconhece-se, no entanto, que ainda há limitações no preenchimento das declarações de óbito. Ver MELLO Jorge, M. H. P. de. O sistema de informações sobre mortalidade: problemas e propostas para o seu enfrentamento. Revista Brasileira de Epidemiologia, v. 5, n. 2, 2002.

7. Ver em http://tabnet.datasus.gov.br/tabdata/sim/dados/cid9_indice.htm#docs, arquivo de documentação intro.pdf.

Nessa faixa etária, a tendência parece ser de estabilidade, pois nos últimos anos não têm aumentado nenhum dos dois indicadores. Os homicídios de adolescentes, por sua vez, passaram de 4,3 homicídios por 100 mil habitantes em 1980 para 20,4 em 2003 (aumento de 378%), e de 5,8% dos óbitos gerais em 1980 para 30,5% em 2003 (aumento de 424%). No caso dos adolescentes, apesar do fenômeno dos homicídios ser muito mais acentuado, não parece estar havendo estabilização, mas sim um contínuo crescimento.

Essa tendência de crescimento também se expressa entre os jovens. Nessa faixa etária, os homicídios passaram de 22,2 vítimas por 100 mil habitantes em 1980 para 66,7 em 2003, e de 15,1% dos óbitos gerais em 1980 para 43,1% em 2003. Segundo a tabela, os indicadores são mais graves ano a ano, desde 1992. No caso dos adultos, também houve crescimento, mas a tendência atual parece ser de estabilização. Os homicídios passaram de 18,7 vítimas por 100 mil habitantes em 1980 para 31,6 em 2003, e de 1,9% dos óbitos gerais em 1980 para 43,1% em 2003. No entanto, nos últimos três anos os indicadores parecem estar se estabilizando.

2.1 Homicídios por sexo e faixa etária

Mundialmente, o número de vítimas de homicídios entre os homens é significativamente superior ao das mulheres. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), as taxas de mortalidade masculina são quase três vezes a das mulheres.⁸ No caso brasileiro, a sobremortalidade masculina é ainda maior, conforme as tabelas 2 e 3 adiante, e os números indicam ainda que a distância entre as taxas de homens e mulheres tem aumentado nas últimas décadas. Entre 1980 e 2003, a sobremortalidade masculina (taxa de vítimas homens de homicídio dividido por taxa de vítimas mulheres de homicídio) passou de 9,4 para 12,5.

Isto não significa que o aumento tenha se dado somente entre os homens – cuja taxa passou de 21,3, em 1980, para 54 vítimas de homicídio por 100 mil habitantes homens em 2003 –, pois, no caso das mulheres, a taxa passou de 2,3 para 4,3. No entanto, os dados apontam que a taxa das mulheres tem se mantido relativamente estável desde 1996, quando atingiu 4,5 vítimas de homicídio por 100 mil habitantes.

No caso do sexo masculino, o maior crescimento do fenômeno se deu na faixa de 12 a 17 anos. Entre os adolescentes, os homicídios passaram de 7 vítimas por 100 mil habitantes em 1980 para 35,9 (quintuplicaram) em 2003, e de 7,6% dos óbitos gerais em 1980 para 35,9% (quadruplicaram) em 2003. Desde 1993, o crescimento é ininterrupto em ambos os indicadores. Entre as crianças, os homicídios passaram de 0,6 vítimas por 100 mil habitantes em 1980 para 0,9 em 2003, e de 0,1% dos óbitos gerais em 1980 para 0,46% em 2003. Esses números são comparativamente baixos e tais indicadores estão praticamente estáveis desde 1997. No entanto, indica-se que a violência letal que afeta a sociedade como um todo não tem poupado mesmo aqueles que teoricamente devem estar sob uma especial proteção de famílias e escolas, sociedade e Estado.

Essa violência letal difusa na sociedade é a responsável pelos 125,3 homicídios por 100 mil habitantes entre os adultos jovens do sexo masculino em 2003. Nesse

8. SOUZA, Ednilsa R. De. et alli. Análise temporal da mortalidade por causas externas. In: MINAYO; SOUZA (Org.): Violência sob o olhar da saúde a infrapolítica da contemporaneidade brasileira. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003. p. 49-81.

ano, segundo os dados do Datasus, 49,8% das mortes de adultos jovens se deram por homicídio. Os indicadores para essa faixa etária superam em muito aqueles dos anos 1980 e não têm se tornado ininterruptamente mais graves desde 1993. Por fim, entre os adultos, ao contrário do que ocorre quando não é considerada a variável sexo, os indicadores têm aumentando ano a ano, desde 1993, indicando que a variável sexo é mais influente que a idade.

No caso do sexo feminino, o maior crescimento relativo dos homicídios se deu entre crianças e adolescentes. Entre os adolescentes, os homicídios passaram de 1,6 vítimas por 100 mil habitantes em 1980 para 4,6 (quase triplicaram) em 2003, e de 2,9% dos óbitos gerais em 1980 para 11,8% (quadruplicaram) em 2003. Apesar de algumas quedas, os indicadores continuam em tendência de crescimento. Entre as crianças, os homicídios passaram de 0,4 vítimas por 100 mil habitantes em 1980 para 0,7 em 2003, e de 0,1% dos óbitos gerais em 1980 para 0,45% em 2003, mas a situação dá alguns indícios de poder estar se estabilizando. Essa é a faixa em que a variável sexo têm menos influência.

Entre as adultas jovens, o crescimento também é importante: se os homicídios eram a causa de morte em 4,1% dos casos em 1980, em 2003 eles já representam 13,3%. Já entre os adultos, tal como entre as crianças, se houve aumento em relação aos anos 1980, os indicadores parecem estar em uma tendência inconstante de queda desde 1996, opondo-se, dessa forma, ao que ocorre entre os adultos homens e as demais faixas do sexo feminino.

3 Homicídios por cor/raça⁹ e faixa etária

Os homicídios, segundo a tabela 4 adiante, afetam mais fortemente a população negra. Em 2000, os homicídios de indivíduos brancos foram de 19,6 por 100 mil habitantes e representaram 3,6% do total de óbitos. Já os homicídios de negros foram de 31 por 100 mil habitantes, numa proporção de 8,3% dos óbitos.

A discrepância existe mesmo entre as crianças. A proporção de óbitos por homicídio é de 0,61% para os negros e de 0,48% para os brancos em 2000. Entre os adolescentes a situação é mais grave. Em 2000, os homicídios foram de 12,5 por 100 mil habitantes e representaram 23% dos óbitos de indivíduos brancos. Entre os negros, os homicídios alcançaram 20,6 por 100 mil habitantes e representaram 34,5% dos óbitos de indivíduos negros.

O quadro permanece o mesmo para os adultos jovens e os adultos. No caso dos adultos jovens, a taxa de homicídios de indivíduos negros por 100 mil habitantes é

9. Há algumas dificuldades para a construção dos indicadores segundo as variáveis de cor. Existe um número de óbitos por homicídio com cor não informada, que chegou a 8,1% do total das vítimas de homicídio em 2000. No cálculo da taxa de vítimas de homicídios por 100 mil habitantes a situação é mais problemática. Nesse caso, o registro da cor segue metodologias diferentes no censo demográfico e na contagem de mortes do Sistema de Informações da Mortalidade (SIM) do Ministério da Saúde. No caso do censo demográfico, a cor é declarada pelo entrevistado que define a sua cor e a de seus familiares entre as cinco categorias disponíveis (branca, preta, parda, amarela, indígena). No SIM, a cor é determinada pelo perito ou médico legista que registra o atestado de óbito. A arbitrariedade e a diferença de procedimentos no registro da variável cor tornam a produção da taxa de vítimas de homicídio por cor mais um indicador de tendência do que um dado efetivo. Além disso, há ainda um número de óbitos por homicídio com cor não informada, chegando a quase 10% do total das vítimas de homicídio. Para evitar maiores incertezas no cálculo da taxa de homicídios por 100 mil habitantes, decidiu-se por utilizar apenas dados referentes ao Censo Demográfico de 2000, por serem os dados amostrais com melhor representatividade nacional que os da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), na qual não constam os moradores do meio rural dos estados da região Norte, à exceção do Tocantins.

73,3% maior que a dos brancos, e a mortalidade proporcional de negros por homicídios é 39,6% maior que a dos brancos. Para os adultos, a taxa de homicídios de indivíduos negros por 100 mil habitantes é 53,5% maior que a dos brancos, e a mortalidade proporcional de negros por homicídios é 116% maior.

4 Considerações finais

Os dados analisados indicam que a taxa de vítimas de homicídio por 100 mil habitantes e a mortalidade proporcional por homicídios aumentaram no Brasil entre 1980 e 2003. O crescimento foi proporcionalmente maior nas faixas de adolescentes e adultos jovens e entre os homens. Segundo dados de 2000, a situação é mais grave entre pretos e pardos.

Verifica-se, por sua vez, que nos últimos anos o crescimento parece estar sendo interrompido no caso das mulheres. Em relação a essas, ambos os indicadores têm sido inferiores ao pico de 1996, principalmente pela redução da taxa de vítimas de homicídio das mulheres adultas (25 ou mais anos), pois para as demais faixas etárias um ou mais indicadores ainda têm crescido.

Conclui-se que o problema dos homicídios de adolescentes e de adultos jovens é crescente e necessita de políticas públicas e ações sociais capazes de reduzir este número de mortes. Algo que em parte já está sendo feito. Desde os anos 1980, por exemplo, a literatura científica sobre o problema tem sido profícua em apresentar fatores correlacionados: o aumento do crime organizado, sua lógica violenta e o aliciamento de crianças e adolescentes, as altas taxas de impunidade dos crimes, a desigualdade social, a vulnerabilidade social, a exclusão social, a falta de mobilidade social, o fácil acesso a armas de fogo, o inchamento das cidades e a piora das condições de vida, o uso de drogas, os conflitos interpessoais, a dessensibilização causada pela violência doméstica, o retrocesso do processo civilizador etc.¹⁰ Entre os fatores, é corrente afirmar, por exemplo, que os homicídios concentram-se nas áreas metropolitanas: taxas de homicídio por 100 mil habitantes apontam que “quase todas as capitais e regiões metropolitanas com mais de 1 milhão de habitantes apresentam taxas de vítimas de homicídios superiores às dos estados a que pertencem”.¹¹ A tabela 5 adiante mostra também que, salvo exceções, as regiões metropolitanas e capitais apresentam uma mortalidade proporcional por homicídios maior que a do estado a que pertencem. No entanto, se a maior urbanização parece caminhar ao lado do aumento do problema de homicídio, há que se ter cuidado em realizar comparações entre Unidades da Federação, municípios e regiões metropolitanas, pois a qualidade do registro dos óbitos pode afetar diferencialmente cada uma dessas variáveis.

Além dos estudos sobre esse fenômeno, há também uma série de ações do Estado e de ONG que visam direta ou indiretamente enfrentar este problema, entre elas ações voltadas para o aumento da eficiência dos órgãos de segurança pública, para um trabalho preventivo com crianças e adolescentes, para a redução do número de armas de fogo entre a população etc. Além disso, as políticas sociais básicas (saúde, educação,

10. Ver SOUZA, Ednilsa R. de et alli. Tendências da produção científica brasileira sobre violência e acidentes na década de 90. In: MINAYO e SOUZA (Org.): *Violência sob o olhar da saúde: a infrapolítica da contemporaneidade brasileira*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003; e ZALUAR, Alba. *Violência e Crime*. In: *O Que Ler na Ciência Social Brasileira*. MICELI, Sérgio (Org.). São Paulo/Brasília: Sumaré/Anpocs/Capes.

11. Ipea, 2005. Radar Social. Brasília, p. 114.

assistência social, renda mínima, trabalho etc.) podem ajudar a fortalecer os indivíduos, as famílias e as comunidades mais carentes, e reduzir a atratividade que o crime organizado pode exercer sobre crianças e adolescentes. No entanto, para conseguir reverter essa situação, pesquisas, experiências, inovações, avaliações de projetos e políticas, e ações públicas transversais e coordenadas ainda precisam ser realizadas.

5 Apêndice estatístico

TABELA 1

Homicídios por faixa etária: vítimas de homicídios por 100 mil habitantes Porcentagem de óbitos por homicídio por total de óbitos – Brasil, 1980-2003

Ano	Faixa etária									
	0 a 11 anos		12 a 17 anos		18 a 24 anos		25 anos ou +		Geral	
	h/100	oh/ot	h/100	oh/ot	h/100	oh/ot	h/100	oh/ot	h/100	oh/ot
1980	0,5	0,09	4,3	5,8	22,2	15,1	18,7	1,9	11,7	1,9
1981	0,5	0,09	4,7	6,5	23,2	16,1	20,0	2,0	12,5	2,0
1982	0,6	0,11	4,5	6,6	22,3	15,9	20,0	2,1	12,5	2,1
1983	0,7	0,13	5,2	7,5	24,2	17,0	21,8	2,2	13,7	2,3
1984	0,6	0,13	6,2	8,8	27,8	18,8	23,4	2,3	15,2	2,4
1985	0,6	0,13	7,3	10,1	28,3	19,4	22,2	2,2	14,8	2,5
1986	0,6	0,14	8,1	10,6	29,4	18,8	21,8	2,1	15,1	2,5
1987	0,6	0,16	8,7	12,0	32,7	21,6	23,9	2,4	16,7	2,9
1988	0,7	0,18	8,4	11,7	32,4	21,5	23,5	2,3	16,5	2,8
1989	0,7	0,21	10,9	14,9	42,5	26,1	27,0	2,7	20,0	3,5
1990	0,8	0,26	12,3	17,2	45,7	29,3	28,7	3,0	21,8	3,9
1991	0,7	0,26	11,6	17,0	41,5	27,0	27,5	2,9	20,6	3,8
1992	0,7	0,27	10,1	15,3	38,0	25,8	24,6	2,6	18,8	3,4
1993	0,8	0,31	11,1	16,5	41,1	27,1	25,5	2,6	19,8	3,5
1994	0,7	0,27	11,7	16,5	45,7	28,7	26,1	2,7	20,9	3,7
1995	0,9	0,36	13,3	18,9	49,8	30,6	28,7	3,0	23,4	4,2
1996	1,0	0,41	13,7	19,8	51,4	31,8	29,8	3,1	24,1	4,3
1997	0,9	0,40	14,4	21,5	54,4	33,8	29,8	3,2	24,7	4,5
1998	0,9	0,40	15,4	23,6	56,7	35,3	29,5	3,1	25,2	4,5
1999	0,9	0,40	15,7	24,5	57,3	36,3	29,8	3,2	25,4	4,6
2000	0,9	0,44	17,3	27,0	62,3	39,3	30,1	3,2	26,5	4,8
2001	0,9	0,46	17,8	27,9	63,3	40,7	31,4	3,4	27,6	5,0
2002	0,9	0,49	19,7	29,4	65,3	40,9	31,1	3,3	28,2	5,1
2003	0,8	0,46	20,4	30,5	66,7	43,1	31,6	3,4	28,8	5,1

Elaboração: Disoc/Ipea, a partir de MS/SVS/SIM, MS-Datusus e IBGE/Projeção da População do Brasil por Sexo e Idade para o período 1980-2050 – revisão 2004.

TABELA 2

Homicídios de homens por faixa etária: vítimas de homicídios por 100 mil habitantes Porcentagem de óbitos por homicídio por total de óbitos – Brasil, 1980-2003

Ano	Faixa etária									
	0 a 11 anos		12 a 17 anos		18 a 24 anos		25 anos ou +		Geral	
	h/100	oh/ot	h/100	oh/ot	h/100	oh/ot	h/100	oh/ot	h/100	oh/ot
1980	0,6	0,09	7,0	7,6	41,2	19,9	34,7	3,0	21,3	2,9
1981	0,6	0,09	7,9	8,6	42,7	20,9	37,2	3,2	22,7	3,2
1982	0,7	0,11	7,7	8,8	41,3	20,6	37,3	3,2	22,8	3,3
1983	0,8	0,14	8,8	10,1	44,7	21,5	40,5	3,4	24,9	3,5
1984	0,8	0,15	10,5	11,5	52,0	23,6	44,2	3,5	27,9	3,8
1985	0,6	0,13	12,7	13,5	52,4	24,0	41,9	3,4	27,2	3,9
1986	0,7	0,15	14,0	14,0	54,8	23,1	41,0	3,3	27,7	3,9
1987	0,7	0,16	15,2	15,8	61,3	26,6	45,3	3,8	30,8	4,5
1988	0,7	0,18	14,5	15,2	60,4	26,5	44,5	3,6	30,5	4,4

(continua)

(continuação)

Ano	Faixa etária									
	0 a 11 anos		12 a 17 anos		18 a 24 anos		25 anos ou +		Geral	
	h/100	oh/ot	h/100	oh/ot	h/100	oh/ot	h/100	oh/ot	h/100	oh/ot
1989	0,8	0,23	19,0	19,0	79,0	31,2	51,3	4,3	37,0	5,5
1990	0,8	0,26	21,8	22,2	85,4	35,3	54,7	4,7	40,5	6,1
1991	0,8	0,28	20,0	21,6	76,9	32,4	52,0	4,6	37,9	5,9
1992	0,8	0,27	17,7	19,7	70,7	31,2	46,5	4,1	34,8	5,3
1993	1,0	0,34	19,6	21,5	76,4	32,8	48,3	4,1	36,6	5,4
1994	0,9	0,29	19,9	21,0	85,2	34,8	49,4	4,2	38,5	5,7
1995	1,0	0,37	23,0	24,3	92,1	36,6	54,3	4,7	43,1	6,5
1996	1,1	0,41	23,5	25,0	94,5	37,8	56,1	4,9	44,2	6,6
1997	1,1	0,43	25,1	26,9	100,7	39,7	56,4	5,0	45,7	7,0
1998	1,1	0,45	26,7	28,9	105,6	42,5	56,3	5,1	46,9	7,3
1999	1,1	0,44	27,2	30,5	107,1	42,8	56,9	5,1	47,4	7,2
2000	1,1	0,46	30,2	33,8	116,6	45,7	57,3	5,2	49,4	7,5
2001	1,0	0,47	31,2	34,9	118,7	47,2	60,0	5,4	51,6	7,9
2002	1,0	0,48	34,8	36,5	122,7	47,3	59,7	5,4	52,9	8,0
2003	0,9	0,46	35,9	38,0	125,3	49,8	60,7	5,5	54,0	8,2

Elaboração: Disoc/Ipea, partir de MS/SVS/SIM, MS-Datasus e IBGE/Projeção da População do Brasil por Sexo e Idade para o período 1980-2050 – Revisão 2004.

TABELA 3

Homicídios de mulheres por faixa etária: vítimas de homicídios por 100 mil habitantes
Porcentagem de óbitos por homicídio por total de óbitos – Brasil, 1980-2003

Ano	Faixa etária									
	0 a 11 anos		12 a 17 anos		18 a 24 anos		25 anos ou +		Geral	
	h/100	oh/ot	h/100	oh/ot	h/100	oh/ot	h/100	oh/ot	h/100	oh/ot
1980	0,4	0,08	1,6	2,9	3,6	4,1	3,3	0,39	2,3	0,42
1981	0,4	0,09	1,6	3,0	4,2	4,9	3,5	0,43	2,4	0,47
1982	0,5	0,10	1,3	2,7	3,8	4,7	3,5	0,44	2,4	0,48
1983	0,5	0,12	1,6	3,1	4,3	5,5	3,8	0,47	2,7	0,53
1984	0,5	0,10	1,9	3,8	4,3	5,6	3,7	0,44	2,6	0,52
1985	0,5	0,14	1,8	3,7	4,7	6,3	3,5	0,42	2,6	0,54
1986	0,4	0,12	2,0	4,0	4,5	5,8	3,5	0,43	2,6	0,54
1987	0,5	0,15	2,0	4,1	4,6	6,2	3,8	0,47	2,8	0,59
1988	0,6	0,18	2,1	4,4	4,5	6,2	3,8	0,46	2,8	0,59
1989	0,5	0,19	2,5	5,6	6,1	8,4	4,1	0,53	3,2	0,71
1990	0,7	0,26	2,6	5,8	5,8	8,4	4,5	0,57	3,5	0,77
1991	0,5	0,24	3,0	6,8	5,8	8,5	4,7	0,62	3,6	0,83
1992	0,6	0,26	2,3	5,5	5,0	7,5	4,0	0,53	3,1	0,71
1993	0,6	0,27	2,4	5,7	5,4	7,7	4,3	0,54	3,3	0,73
1994	0,6	0,25	3,3	7,1	5,7	8,0	4,4	0,56	3,6	0,78
1995	0,8	0,35	3,3	7,5	6,9	9,6	5,0	0,64	4,1	0,90
1996	0,8	0,41	3,7	8,4	7,6	10,6	5,4	0,68	4,5	0,98
1997	0,7	0,36	3,5	8,8	7,5	11,1	5,1	0,67	4,3	0,96
1998	0,7	0,36	3,9	9,8	7,2	10,8	4,7	0,63	4,2	0,94
1999	0,7	0,34	4,1	10,5	7,0	10,9	4,8	0,62	4,1	0,91
2000	0,8	0,42	4,2	11,0	7,5	12,2	4,9	0,64	4,3	0,95
2001	0,8	0,46	4,1	10,9	7,4	12,5	5,0	0,65	4,4	0,96
2002	0,8	0,50	4,3	11,2	7,3	12,5	4,8	0,62	4,3	0,94
2003	0,7	0,45	4,6	11,8	7,6	13,3	4,8	0,62	4,3	0,94

Elaboração: Disoc/Ipea, partir de MS/SVS/SIM, MS-Datasus e IBGE/Projeção da População do Brasil por Sexo e Idade para o período 1980-2050 – Revisão 2004.

TABELA 4

Homicídios por cor e faixa etária: vítimas de homicídios por 100 mil habitantes
Porcentagem de óbitos por homicídio por total de óbitos – Brasil, 2000

Cor/raça	Faixa etária									
	0 a 11 anos		12 a 17 anos		18 a 24 anos		25 anos ou +		Geral	
	h/100	oh/ot	h/100	oh/ot	h/100	oh/ot	h/100	oh/ot	h/100	oh/ot
Branco	0,80	0,48	12,5	23,0	41,8	33,9	23,0	2,5	19,6	3,6
Negro	0,85	0,61	20,6	34,5	74,1	47,3	35,3	5,4	31,0	8,3

Elaboração: Disoc/Ipea.

TABELA 5

Homicídios por faixa etária e região metropolitana/capital Porcentagem de óbitos por homicídio por total de óbitos - região metropolitana/capital e geral por UF, 2003

Região metropolitana	Faixa etária				Geral	UF
	0 a 11 anos	12 a 17 anos	18 a 24 anos	25 anos ou +		
RM Entorno de Brasília – GO	0,89	52,2	60,6	14,5	19,1	5,1
RM Vitória – ES	0,77	55,2	63,4	8,1	12,4	8,9
RM Recife – PE	0,96	51,6	66,4	6,3	10,1	8,5
Macapá – AP	0,64	29,1	51,6	5,9	9,4	10,2
RM Belo Horizonte – MG	0,62	50,2	60,4	5,3	8,9	3,7
RM São Paulo – SP	0,57	50,1	62,6	5,3	8,5	5,8
RM Maceió – AL	0,20	40,3	51,6	5,2	7,9	6,9
Brasília – DF	0,79	47,8	48,8	4,4	7,6	7,6
RM Rio de Janeiro – RJ	0,57	53,2	60,0	4,3	7,6	7,0
Porto Velho – RO	0,28	32,8	39,9	5,5	7,5	9,1
Boa Vista – RR	0,67	12,0	29,7	6,2	7,2	8,2
RM Campinas – SP	0,15	43,7	51,1	4,1	6,6	5,8
Cuiabá – MT	0,40	31,3	42,1	4,3	6,4	7,6
Manaus – AM	0,71	21,6	44,0	4,2	6,4	5,3
Rio Branco – AC	0,79	15,2	43,4	4,7	6,3	5,4
RM Londrina – PR	0,00	45,5	57,2	3,2	6,0	4,4
RM Baixada Santista – SP	0,78	40,0	50,9	3,4	5,9	5,8
RM Curitiba – PR	0,71	33,6	47,8	3,8	5,9	4,4
João Pessoa – PB	0,20	22,0	45,3	3,8	5,4	3,1
Campo Grande – MS	0,52	31,3	46,3	3,5	5,3	5,9
RM Belém – PA	0,18	22,8	34,8	3,4	5,1	5,6
RM Salvador – BA	0,24	20,8	37,6	2,9	5,0	3,4
RM São Luís – MA	0,44	13,5	30,7	3,7	4,9	3,6
Palmas – TO	0,00	4,0	19,6	4,3	4,6	4,3
RM Goiânia – GO	0,17	24,1	37,4	3,1	4,6	5,1
RM Fortaleza – CE	0,28	14,7	35,0	3,5	4,4	3,8
Aracaju – SE	0,24	17,4	37,0	3,3	4,4	4,7
RM Porto Alegre – RS	0,69	28,9	42,6	2,7	4,1	2,7
RM Florianópolis – SC	0,00	33,8	38,5	2,0	4,0	2,3
RM Entorno de Brasília – MG	0,00	0,0	30,0	2,3	4,0	3,7
RM Vale do Aço – colar metrop. – SC	0,00	0,0	33,3	3,2	3,7	2,3
Teresina – PI	0,23	14,0	20,0	2,6	3,5	2,1
RM Vale do Aço – SC	0,62	33,3	33,8	2,1	3,4	2,3
RM Natal – RN	0,28	20,9	25,8	1,9	3,0	3,0
RM Norte/Nordeste SC	0,00	12,8	7,8	1,5	1,7	2,3
RM Norte/Nordeste SC – expansão	1,03	0,0	10,3	1,5	1,7	2,3
RM Maringá – PR	0,76	18,9	10,9	1,2	1,6	4,4
RM Vale do Itajaí – SC	1,03	0,0	10,3	1,0	1,2	2,3
RM BH - colar metrop. – MG	0,00	4,3	4,9	0,9	1,0	3,7
RM Florianópolis – expansão – SC	0,00	0,0	8,3	0,7	0,9	2,3
RM Vale do Itajaí – expansão – SC	0,00	0,0	0,0	0,4	0,4	2,3
Total Capitais	0,44	35,7	48,6	3,7	6,0	5,1
Total de RMs	0,50	41,8	53,7	4,4	7,1	5,1
Total Brasil	0,46	30,5	43,1	3,4	5,1	5,1

Elaboração: Disoc/Ipea, a partir de MS/SVS/SIM e MS-Datasus.